

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO VII SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UFPA CAMPUS CASTANHAL

Inclusão, desenvolvimento socioambiental e produção de conhecimento na Amazônia

05 A 07
NOVEMBRO
2024



UFPA
CASTANHAL



II SINEPEX
VII SIEPEX

Apoio:

PROEX
Pró-Reitoria de Extensão | UFPA

PROEG
Pró-Reitoria de Ensino
e Pós-Graduação | UFPA

PROPESP
Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação | UFPA

MENINAS PARA UM LADO, MENINOS PARA O OUTRO: implicações na
aula de Educação Física

GIRLS TO ONE SIDE, BOYS TO THE OTHER: *implications in the Physical
Education class*

NIÑAS A UN LADO, NIÑOS AL OTRO: *implicaciones en la clase de
Educación Física*

Antônio Henrique Santiago Silva Lameira¹
Rubens Venon Costa dos Santos²
Antonio Valdir Monteiro Duarte³

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física escolar. Estágio curricular. Aulas separadas.

INTRODUÇÃO

O texto em tela é o resultado das vivências no Estágio Curricular I, que corresponde à Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais⁴. Na ocasião, tivemos a oportunidade de acompanhar aulas da disciplina Educação Física em uma escola da Rede Particular de Castanhal.

Uma das questões que nos chamou atenção durante o estágio foi o fato da turma ser atendida de forma dividida, tendo como critério o sexo, havendo planejamentos diferenciados com conteúdos aplicados para meninos e meninas de forma separada.

Diante desse contexto e frente aos debates travados a partir dos anos 1980, lançamos a seguinte questão: o que leva a escola nos dias atuais a executar esse tipo de planejamento? E como objetivo procuramos

¹ Estudante do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pará/Campus Castanhal. antoniohenrisant7@gmail.com

² Estudante do Curso de Educação Universidade Federal do Pará/ Campus Universitário de Castanhal. rubinhovenon@gmail.com

³ Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Castanhal. montearte13@yahoo.com.br

⁴ Os Estágios Supervisionados têm a finalidade de construção e organização da práxis pedagógica, propiciando ao graduando o encontro das situações concretas do cotidiano escolar e não-escolar, tendo como pressupostos a observação e organização da práxis pedagógica e de pesquisa, participação e regência (UFPA/PPC/EF, 2010).

compreender as consequências para a formação das crianças no trato com os conteúdos da cultura corporal (SOARES, *et. al.*, 1992).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No final da década de 1980, a EF escolar passa por uma crise de identidade e novas concepções e correntes pedagógicas⁵, fundamentadas nas Ciências Humanas, adentram o debate da área, implicando na prática docente, contribuindo para repensar os modelos de aula que imperavam (SOARES *et. al.*, 1992).

Entre os debates estavam as discussões das aulas em interface com a coeducação⁶ que, segundo Jesus e Deive (2006), já existia um certo consenso que as aulas de educação física fossem integradas e que meninas e meninos estudassem em todos os níveis de ensino.

Os conteúdos do campo da EF têm revelado e afirmado papéis relacionados às questões de gênero, onde esportes que envolvem força e competitividade, por exemplo, são vistos pelo senso comum como os mais adequados para os meninos. Diante disso, Scott (1995), destaca que construções sociais que incidem sobre essas questões em que se estabelece a ideia de feminino e masculino, implicam não apenas no fator biológico como um dos elementos a marcar diferenças entre homens e mulheres, mas, também, em fatores históricos, sociais e culturais.

Atualmente ainda persistem práticas pedagógicas em EF onde se privilegia a separação entre os sexos, pautadas, sobretudo, pelo princípio biologicista que, de acordo com Saraiva (2005), dá-se em virtude das dificuldades de se construir práticas pedagógicas de viés coeducativo por resistência de docentes, familiares e discentes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O relato foi construindo a partir das orientações e atividades de campo do Estágio Curricular, pois esse momento possibilita, segundo Pimenta (2004), fazer análises e reflexões do trabalho docente *in loco*, ou seja, na própria instituição, mediante postura investigativa e de permanente autorreflexão.

Nos primeiros encontros conhecemos os documentos para os registros das atividades que possibilitam a elaboração do relatório final. Entre eles está o diário de campo⁷ que se reveste em um poderoso instrumento de coleta de dados, onde é possível registrar todas as atividades vivenciadas.

⁵ Entre as principais tendências estão a Crítico-superadora (SOARES *et. al.*, 1992), a Crítico-emancipatória (Kunz, 1991).

⁶ A coeducação considera a igualdade de oportunidades entre os gêneros, porém, é importante destacar que escola mista não possui o mesmo significado da escola coeducativa. Neste sentido, para esclarecer os caminhos da coeducação em educação física, convém assinalar que esta disciplina não aborda a igualdade entre os sexos, e sim a equidade, possibilitando um clima que permita o desenvolvimento afetivo, social, intelectual, motor, psicológico, sem prejuízo em relação ao gênero. (SARAIVA, 2005).

⁷ Além deste, compõem a lista de instrumentos do Estágio Curricular a Ficha de Controle e a Ficha de Diagnóstico da Escola (UFPA/PPC/EF, 2010).

Diante da natureza da temática, este relato é inspirado nos pressupostos das pesquisas qualitativas de cunho descritivo, pois a apreensão, reflexão e estudo dos fenômenos acontece onde eles se manifestam (MINAYO, 2003),

De posse do material coletado, partimos para leitura e definição da temática central que versa sobre as aulas de EF na Educação Infantil e no Ensino Fundamental Anos Iniciais, com destaque para a separação da turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estágio aconteceu durante três meses em uma escola pertencente à Rede Privada de Ensino e um dos aspectos que nos chamou atenção foi o fato de haver divisão da turma. Os conteúdos do campo do esporte ministrados por um professor para os meninos, enquanto que às meninas eram ofertados conteúdos do campo das danças, ministrados por uma professora.

Durante o processo não tivemos oportunidade de acompanhar as aulas ministradas às meninas e essa questão contribui sensivelmente para a nossa formação acadêmica. Segundo o professor, os próprios pais das crianças já procuravam a instituição por ter conhecimento desta organização.

Concordamos com Scott (1995), quando diz que a educação escolarizada atua produzindo sujeitos masculinos e femininos e que a escola enquanto espaço de educação sistemática e intencional foi, desde sua criação, um espaço planejado para imprimir distinções que se acentuam em detrimento da separação entre meninos e meninas.

Em um determinado momento fomos convidados a participar do planejamento de um torneio esportivo. Aceitamos de imediato, sabendo que seria uma oportunidade para observar as possíveis implicações provocadas pela não vivência coletiva entre os/as discentes durante a rotina das aulas de EF.

A intenção não seria somente participar da organização do evento, mas observar aspectos motores e sociais que os conteúdos da cultura corporal poderiam proporcionar como: domínio dos fundamentos dos esportes, questões físicas, habilidade, participação, senso de coletividade, entre outros fatores.

Foi possível perceber que as meninas demonstravam um comportamento mais contido e que interagiam mais entre si e pouco se interessavam pelas modalidades esportivas. Já a participação dos meninos acontecia de forma mais intensa e ativa. Isso demonstra que aulas de EF em que se privilegia conteúdos diferenciados para meninos e meninas, pode-se reafirmar as desigualdades existentes.

Pesquisas demonstram que os meninos são mais estimulados aos esportes coletivos do que as meninas e estes conteúdos estimulam a competição, contribuindo para a autoconfiança, a superestimação, o espírito e o exercício de liderança, pressupostos que são privilegiados historicamente na educação masculina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do avanço dos debates em variadas temáticas no âmbito da educação e da EF escolar, percebemos que há muito o que avançar. Conteúdos da cultura corporal, como os esportes, têm um sentido/significado que transcendem a escola e que devem ser tratados com muito cuidado no interior delas.

A experiência que vivenciamos durante o Estágio foi bastante revelador, sobretudo, quando se opta por um planejamento pedagógico em que os conteúdos da Cultura Corporal são tratados de forma separada para meninos e meninas.

Consideramos que esse fator incide decisivamente na formação ao limitar as possibilidades que se manifestam não só no âmbito motor, mas também em temáticas como equidade, igualdade, cooperação, participação, entre outras que incidem em uma formação mais inclusiva e acima de tudo, humanizadora.

REFERÊNCIAS

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 03, set./dez. 2006.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PARÁ, Universidade Federal do. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física**. Campus Castanhal. Castanhal, 2010.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SARAIVA, M. C. **Co-educação física e esporte: quando a diferença é mito**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**: UFRGS, v. 20, n. 2, jul/dez. 1995.

SIMONE, M. Vione Schwengber. **Meninas e meninos apresentam desempenho motor distinto? Por quê?** [http://www.efdeportes.com/Revista Digital - Buenos Aires - Años 14 - Nº 131 - Abril de 2009](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital%20-%20Buenos%20Aires%20-%20Años%2014%20-%20Nº%20131%20-%20Abril%20de%202009).

SOARES, C. L. *et. al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.